



Educação Financeira: Percepção de Alunos da Educação Superior sobre sua Relevância na Gestão Financeira Pessoal

MARIANA GRACIANO DE OLIVEIRA

Universidade de Brasília

CLESIA CAMILO PEREIRA

Universidade de Brasília

EDUARDO TADEU VIEIRA

Universidade de Brasília

JOSÉ ANTONIO DE FRANÇA

Universidade de Brasília

Resumo

A pesquisa se justifica pela relevância que a educação financeira tem assumido nos últimos anos em que diferentes estudos apontam para a necessidade de preparação dos cidadãos para lidar com o mundo financeiro em que estão inseridos. O artigo objetiva verificar a percepção de alunos de graduação e pós-graduação acerca da educação financeira e seus impactos na tomada de decisão financeira pessoal. A metodologia consistiu na elaboração de um instrumento de pesquisa (questionário) composto por três seções que visavam identificar o perfil dos respondentes, suas vivências e comportamentos financeiros. A aplicação ocorreu de forma online na plataforma Google Forms. O público alvo desta pesquisa foi dividido em dois grupos, alunos de cursos de graduação de diferentes áreas e alunos e ex-alunos de pós-graduação da Universidade de Brasília (UnB). A amostra final foi composta por 743 respondentes, sendo 332 alunos de graduação e 411 de pós-graduação. Os resultados mostram que, na percepção dos respondentes, a discussão e ensino da educação financeira em diferentes esferas durante a vida impactaria na forma como eles tomam suas decisões. Entretanto, há falta de acesso tanto em ambientes formais, quanto informais. Do ponto de vista comportamental, foi verificado que o grupo manteve respostas coerentes entre o que consideram ideal e como agem frente a tomada de decisão. Contudo, quando questionados sobre o planejamento financeiro, apesar de considerarem correto manter um planejamento regularmente, parte considerável da amostra não o faz com regularidade, o que pode estar interligado a falta de desenvolvimento da literacia financeira. A contribuição do estudo está na possibilidade de detectar, na visão de respondentes de diferentes níveis de instrução, aspectos relevantes no desenvolvimento da educação financeira e o impacto em suas finanças pessoais.

Palavras-chave: Educação Financeira, Gestão Financeira Pessoal, Tomada de Decisão.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo traz para discussão relevante tema inserido no contexto da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) e do Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF), ambos instituídos pelo Governo do Brasil, em 2020, por meio Decreto n.º 10.393. Destaca-se esse tema foi inserido no cenário nacional a partir do Decreto n.º 7.397 (2010). No estudo da teoria de finanças este tema se relaciona com o estoque de capital gerado por indivíduos que poupam durante a vida laboral, como sendo o primeiro momento, para consumir durante a aposentadoria, como segundo momento, como abordado por Blanchard e Fischer (1989).

Segundo o documento publicado pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF, 2015), por estar inserido numa sociedade econômica, ao decorrer da vida o ser humano precisa lidar com decisões financeiras que se não forem trabalhadas podem levar as pessoas a consumirem mais do que podem e assim comprometerem seu bem estar atual e futuro.

Apesar de o tema educação financeira ser mais evidente nos dias atuais, a relação homem e dinheiro é antiga por significar um *status* de poder e prosperidade. Pesquisas, por exemplo de Kahneman e Tversky (1979) e Kotler e Keller (2006), estão caminhando cada vez mais na busca de entender os fatores que influenciam na gestão financeira pessoal, uma vez que é preciso certa preparação para responder aos diversos estímulos recebidos constantemente do mercado de consumo.

Para Ottaviani e Vandone (2011), no início da vida profissional os indivíduos esperam maiores receitas de renda futura, financiando a compra de ativos, a fim de aumentar o consumo acima do nível oferecido pela renda atual. Junto a isso, ao serem inseridos no ensino superior esse público recebe diversos incentivos das instituições financeiras que buscam captar os novos consumidores. No entanto, isso muitas vezes faz com que, sem o devido preparo, o indivíduo caia na realidade do endividamento excessivo.

O indivíduo precisa compreender o mundo econômico em que está inserido para assim desenvolver habilidades, atitudes de consumo e hábitos mais racionais no uso do dinheiro, como argumenta Denegri (1995).

Dessa forma, a educação financeira é uma aliada na preparação para tomada de decisão futura. Souza (2013) faz uma crítica a realidade do ensino oferecido nas escolas brasileiras. Para o autor não são oferecidas condições para que a maior parte da população desenvolva capacidade analítica para tomada de decisões do ponto de vista financeiro. Há falta do ensino da educação financeira nas escolas, e, muitas vezes, também no ambiente familiar e social.

Somado a isso, há o aumento das demandas de consumo ao longo do tempo. Cabral (2015) ressalta que a sociedade atual é altamente influenciada por *status*, então a valorização do ter traz o sentimento de que quanto mais se consome, mais se é valorizado e maior a sensação de satisfação pessoal. Isso faz com que as pessoas, na busca por serem aceitas e usufruírem desse bem estar, consumam itens que sua renda não comportaria.

A ausência de educação financeira impacta o indivíduo em vários aspectos, como na gestão financeira pessoal e na contração de dívida negativa, o que causa, em muitos casos, a inadimplência. Segundo dados de uma pesquisa realizada em conjunto pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) (2019), com foco no endividamento do público jovem, 12 milhões estão endividados no país. Ademais, 46% dos brasileiros, com idade entre 25 e 29 anos, estão inadimplentes. Entre os que têm idade entre 18 e 24 anos, a proporção é de 19%, o que representa, somados, cerca de 12,5



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

milhões de pessoas. Além disso, em momentos de incerteza, como os que vivemos pela pandemia atual, a falta de educação e planejamento financeiro, tem impactos diretos nas finanças pessoais.

Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) (2020), através de dados comparados desde 2010, o percentual de endividamento dos brasileiros cresceu durante a pandemia do novo coronavírus; o número de famílias endividadas passou de 66,2% em março de 2020 para 67,4% em julho do mesmo ano, alcançando o maior nível em 10 anos. Aliado a isso, aumentou também a proporção de famílias com contas ou dívidas em atraso (de 25,3%, em março, para 26,3%, em julho).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual a percepção de alunos de graduação e pós-graduação em relação a educação financeira e seu impacto na tomada de decisões financeiras?

A partir da questão de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é verificar a percepção de alunos de graduação e pós-graduação acerca da educação financeira e seus impactos na tomada de decisão financeira pessoal.

A pesquisa se justifica pela relevância que a educação financeira tem assumido nos últimos anos em que diferentes estudos apontam para a necessidade de preparação dos cidadãos para lidar com o mundo financeiro em que estão inseridos, a fim de que façam escolhas mais assertivas através do desenvolvimento de habilidades e competências no processo de tomada de decisão (Denegri, 1995; Banks, O’Dea & Zoe, 2010; Bernheim, 1996, Lusardi & Mitchell, 2008).

Além desta seção introdutória o artigo apresenta na seção 2 uma discussão das principais e mais recentes contribuições da literatura; na seção 3 apresenta-se a metodologia de trabalho que permite obter os resultados; na seção 4 estão apresentados e discutidos os principais resultados obtidos com a aplicação da metodologia especificada; na seção 5 estão apresentadas as considerações da pesquisa e por último as referências.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A discussão está segregada nas subseções (a) Mercado de consumo e padrão comportamental (b) Educação financeira e Literacia financeira.

2.1 Mercado de consumo e padrão comportamental

Nos últimos anos aumentou de forma rápida a inserção dos jovens no mercado de consumo. Ao ingressar no curso superior, esse público torna-se parte de uma parcela considerável de rendimento para as instituições financeiras. A partir dessa etapa da vida é esperado que esses jovens entrem no mercado de trabalho e consolidem seus ganhos após formados. Assim, instituições captam o interesse pessoal através de ofertas de crédito dispostas ao público jovem, como exemplo: acesso a contas bancárias, cartão de crédito e financiamentos das mensalidades (Teixeira, 2010).

Há diferentes abordagens entre os autores sobre fatos que influenciam o comportamento financeiro e a tomada de decisão. Além de fatores econômicos, muitos autores concordam que há influências comportamentais, psicológicas e sociais (Moura, 2005; Panchio, 2006; Trindade, Vieira, Ceretta & Cavalheiro, 2010). Decisões financeiras são influenciadas por características como idade, estágio de vida, ocupação, situação econômica, características de personalidade e status social (Kotler & Keller, 2006). Para Kahneman e Tversky (1979), o processo de tomada de decisão está condicionado ao aspecto técnico e ao fator comportamental, é como se os fatores racionais influenciassem o contexto técnico, a decisão tomada, e o fator comportamental estivesse interligado ao que motivou essa decisão.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

O consumo é algo essencial para o ser humano, é indispensável para que os indivíduos possam suprir suas necessidades básicas. Entretanto para que saibam utilizar seus recursos de forma a não ultrapassarem o limite do que lhes é palpável é necessário certa preparação (Denegri, 1995). Cabral (2015) destaca que o ser humano está inserido em uma sociedade voltada a status e ao ter em detrimento do ser. Assim sendo, as pessoas são influenciadas pela imagem social, e se sentem satisfeitas quando consomem mais, mesmo que para serem aceitas tenham que afetar seu bem estar futuro com a contração de dívidas, pois acabam consumindo itens que sua renda não poderia pagar.

Sob o ponto de vista de Meier & Sprenger (2007 & 2010), consumidores são imediatistas, ou seja, tendem a supervalorizar custos e benefícios imediatos e subestimar os futuros (desconto hiperbólico). Dessa forma, em situações nas quais tem que decidir se compram com condições de crédito ou não, acabam optando pela compra imediata. Essa decisão é tomada apesar do indivíduo ser racionalmente capaz de julgar que o nível de endividamento assumido é insustentável em comparação com a renda futura. Esse efeito explica por que as pessoas escolhem soluções "compre agora, pague depois" que trazem gratificação imediata a um custo futuro. Quando se fala, por exemplo, em endividamento por cartão de crédito, Heidhues e Koszegi (2010) associam a explicação dos altos empréstimos ao problema de autocontrole do indivíduo.

Richard e John (2011) destacam que características comportamentais dos consumidores têm impactos não negligenciáveis no uso indevido de crédito. Para ele, a falta de autocontrole associada ao analfabetismo financeiro está interligada ao não pagamento de crédito e aos excessivos ônus financeiros contraídos por conta própria. Os consumidores que apresentam problemas de autocontrole demonstram maior uso de itens de crédito de acesso rápido, como cartões de lojas e empréstimos. Para ele, consumidores com problemas de autocontrole têm maior probabilidade de sofrer choques de renda, retirada de crédito e despesas imprevistas com bens duráveis, sugerindo que a falta de autocontrole aumenta a exposição a uma variedade de riscos, tudo isso se intensifica quando associado ao analfabetismo financeiro.

Dessa forma, para a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2005) é nesse cenário que entra a importância da educação financeira, pois é o instrumento que fornece bagagem para que a sociedade aprenda a lidar com o dinheiro.

2.2 Educação Financeira

Não recente o ser humano precisa lidar com relações de troca, dessa forma surge a necessidade de se pensar sua relação no ambiente econômico em que está inserido. Denegri (1995) ressalta que o homem precisa entender o ambiente econômico em que vive para assim desenvolver habilidades e competências necessárias para lidar com o espaço no qual está inserido. Surge então a importância da educação financeira como ferramenta de preparação para que os indivíduos estejam prontos para a tomada de decisão financeira.

No Brasil, a educação financeira vem sendo mais amplamente explorada nos últimos anos, isso ocorre principalmente devido a criação, em 2010, da Estratégia Nacional de Educação Financeira, com o objetivo de ampliar o ensino do tema e melhor preparar a população para a tomada de decisões financeiras mais conscientes. O papel da educação financeira tem ganhado tanto destaque no cenário atual que a partir de 2020 se tornou tema transversal obrigatório na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A base curricular estabelece um conjunto de habilidades e competências que precisam ser trabalhadas no desenvolvimento educacional dos estudantes brasileiros. Devendo ser contextualizada e integrada a diferentes contextos, como em consonância com o ensino da matemática.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Segundo o documento ENEF (2015), por estar inserido numa sociedade econômica, ao decorrer da vida o ser humano precisa lidar com decisões financeiras que, se não forem trabalhadas, podem levar as pessoas a consumirem mais do que podem e assim comprometerem seu bem estar atual e futuro. Neste cenário, ensino da educação financeira terá o objetivo de auxiliar os alunos na construção de ferramentas necessárias para que tomem decisões financeiras conscientes e assim as futuras gerações saibam melhor administrar o dinheiro e se preparar para o futuro.

Segundo documento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005) o mercado financeiro vem se modificando amplamente nos últimos anos. Assim, a educação financeira é ferramenta essencial para que a sociedade aprenda a lidar com o dinheiro, planejar suas finanças, aposentadoria, poupança, investimento e para que esteja preparada para lidar com situações de risco.

Na literatura alguns estudos relacionam a compreensão do consumidor com a capacidade de interpretar corretamente os dados e conceitos financeiros: a falta de preparação para aposentadoria e a participação limitada no mercado de ações estão associados a níveis mais baixos de alfabetização financeira (Banks, O`Dea & Zoe, 2010; Bernheim, 1996; Lusardi & Mitchell, 2008). Nesse sentido, Souza (2013) destaca que as escolas brasileiras não oferecem condições para que os indivíduos desenvolvam capacidade analítica suficiente para tomada de decisão financeira. Além da falta de educação nas escolas, ele cita ainda que há ausência de discussão do tema nas esferas sociais.

Na busca por relacionar o nível de conhecimento financeiro com a tomada de decisão Lima (2016) realizou uma pesquisa com jovens de cursos relacionados as áreas financeiras, partindo do pressuposto que os estudantes teriam menor nível de endividamento devido a seus conhecimentos técnicos. Ele observou que, de fato, os alunos possuíam bons resultados de conhecimentos financeiros, pois resolveram de forma satisfatória os problemas econômico-financeiros apresentados na pesquisa. Apesar disso, um dos fatores que surpreendeu Lima (2016) foi os motivos alegados pelos jovens para a aquisição de dívidas: 30% o fizeram por compra compulsiva, 17% por má administração do dinheiro e 17% por falta de planejamento. Esse autor concluiu que conhecer sobre aspectos econômico-financeiros não garante que as pessoas apliquem esses conhecimentos em seu dia a dia. Por vezes falta ao jovem ter desenvolvido o processo de literacia financeira, ou seja, a real alfabetização financeira, e não apenas os conhecimentos técnicos.

2.3 Literacia Financeira

Com o crescimento do acesso a produtos financeiros complexos, a preocupação com a necessidade de ferramentas que promovam a literacia financeira tem aumentado principalmente a partir da década de 90 (Hilgert, Hogarth & Beverly, 2003). Segundo documento publicado pela OCDE em 2005 a literacia financeira é resultado da junção da consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento essenciais para a tomada de decisão financeira consciente (OCDE, 2005).

Dessa forma, a educação financeira oferece melhor qualificação para que o indivíduo possa lidar com a vida atual, na qual há constantes relações financeiras. Nesse cenário, o documento salienta da importância de unir os esforços da rede de ensino, Estado, Instituições financeiras, empresas, órgãos reguladores e família na promoção da educação e letramento financeiro (OCDE, 2005).

A literacia financeira pretende promover a habilidade e capacidade de processar informações econômicas e tomar decisões informadas sobre planejamento financeiro (Lusardi & Mitchell, 2008). Para Bay, Catasús, e Johed (2014) a alfabetização financeira deve ser vista para além da leitura e escrita da linguagem contábil e financeira; deve ser situada e estudada



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

na prática e durante o tempo, uma vez que suas características variam com o tempo e o local. Segundo Bellofatto, Dhondt e De Winne (2018), investidores que relatam níveis mais altos de alfabetização financeira parecem investir de maneira mais inteligente, além de exibirem retornos mais altos. Ademais, o desenvolvimento da literacia financeira impacta diretamente o bem estar social, auxilia na habilidade de negociação e contribui beneficentemente para o bem estar social e familiar, impacta o sistema financeiro e promove maior conhecimento e preparação nas relações interpessoais.

Para Jacob, Hudson e Bush (2000), o termo “financeira” aplica-se a uma vasta escala de atividades relacionadas ao dinheiro nas nossas vidas diárias, desde o controle do cheque até o gerenciamento de um cartão de crédito, desde a preparação de um orçamento mensal até a tomada de um empréstimo, compra de um seguro ou um investimento.

O processo de educação financeira deveria começar por volta dos dois ou três anos de idade, quando a criança pede pela primeira vez dinheiro para doces e brinquedos (Pereira, 2013). É aí que o papel da educação começa a ser de fundamental importância para a conscientização, conhecimento e aprendizado de novas regras, equilíbrio e valores, para se trabalhar com o dinheiro. A educação financeira começa com o significado dos valores das moedas.

É necessário que desde cedo as crianças aprendam a importância de conquistar pequenos ganhos monetários, o que normalmente se faz através de pequenos trabalhos realizados dentro do lar. À medida que essa noção é assimilada, o jovem de certa forma estará mais preparado para conviver com a administração financeira, pois a noção de dinheiro ligada ao trabalho começa a fazer parte de sua rotina (Pereira, 2003).

Além disso, para Watson (2003), é muito natural assimilar endividamento a baixa renda dos jovens, mas não há exatamente uma relação entre as variáveis consumo, materialismo e renda. Assim, estando o endividamento vinculado à forma como as receitas e despesas são gerenciadas e não somente com o nível de renda dos indivíduos.

Para Lourenço (2010) a educação financeira é forte aliado para diminuir o endividamento precoce entre os jovens. Isso deve ser dado através da incorporação de disciplinas atreladas ao planejamento orçamentário e as finanças domésticas nas matrizes curriculares do ensino fundamental e médio. Também, especialmente no ambiente familiar, há grande necessidade de orientação, definição de prioridades, no controle de despesas, na imposição de limites e no fornecimento de exemplos.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa realizou o uso do Método Survey que se fundamenta na coleta de dados a fim de descrever características da população de interesse, usualmente captadas através da aplicação de um questionário. As seções foram criadas a fim de complementar e enriquecer as análises, uma vez que a aplicação do Método Survey permite testar diferentes proposições envolvendo diversas variáveis em interação simultânea (Babbie, 1995).

Para atender ao objetivo proposto foi realizada uma coleta de dados por meio de questionário composto por questões de elaboração própria, assim como questões adaptadas de Souza (2013). Após a elaboração do questionário foram realizados pré-testes com alunos de graduação e pós-graduação, do período de 1 a 4 de setembro de 2020, que possibilitaram na readequação do instrumento de pesquisa.

O questionário final é composto por três seções. O primeiro bloco de pesquisa possui afirmativas que visam traçar o perfil dos respondentes. Na segunda seção são apresentadas, por meio da escala *Likert*, 5 questões onde o entrevistado deve indicar o seu grau de concordância ao analisar a vivência e o acesso a questões financeiras em diferentes situações



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

as quais estão expostos em seu dia a dia, como no ambiente familiar e de trabalho. Já a terceira seção é composta por 20 itens, com a finalidade de analisar o padrão de comportamento financeiro dos entrevistados e variáveis que, em sua percepção, influenciam a gestão financeira pessoal, sendo os itens 19 e 20 situações práticas de tomada de decisão nas quais o entrevistado deve selecionar a opção com a qual mais se identifica.

O público alvo desta pesquisa foi dividido em dois grupos, alunos de cursos de graduação de diferentes áreas e alunos e ex-alunos de pós-graduação da Universidade de Brasília. A coleta de dados foi realizada na plataforma Google Forms. Para o grupo de pós-graduação a coleta foi realizada durante o período de 7 de setembro a 9 de outubro de 2020. Já para a amostra de graduação a coleta de dados foi realizada entre 3 a 31 de março de 2021. O questionário foi compartilhado através de e-mail e redes sociais e os resultados analisados através do software estatístico Statistical Package for the Social Sciences – SPSS, pacote estatístico com diferentes módulos que possibilita análise estatística e gráfica e melhor cruzamento de dados (Santos, 2018). Com a finalidade de medir a igualdade de distribuição dos grupos estudados, foi aplicado o Teste U de Mann-Whitney, que, comparando duas amostras independentes, mede se uma população tende a ter valores maiores do que a outra, ou se elas têm a mesma mediana.

4. RESULTADOS

4.1 Perfil do respondente

Responderam ao questionário um total de 743 alunos de graduação e pós-graduação. Quanto a graduação, foram coletadas respostas de 332 alunos; deste total 96 se declaram do gênero masculino e 236 do gênero feminino. A parte predominante deste grupo se encontra com idade entre 18 e 27 anos (92,17%).

Quanto à pós-graduação, 411 alunos e ex-alunos da Universidade de Brasília responderam ao questionário. Sendo deste total, 227 do gênero feminino, 182 do gênero masculino e 2 respondentes declarados no grupo “outros”. Além disso, o grupo predominante dos respondentes (37,0%) possui idade entre 28 e 37 anos, sendo que o segundo maior percentual (27%) está na faixa etária até 27 anos.

Ao serem questionados sobre a renda familiar 62,1% dos alunos de graduação possuem renda entre 1 a 6 salários mínimos, 12,7% recebem de 6 a 9 salários mínimos, 9% de 9 a 12 salários e os 12% restantes possuem renda familiar acima de 12 salários mínimos.

Sobre a renda dos respondentes da pós-graduação, parte predominante (30,2%) possui renda acima de 12 salários mínimos; 13,9% recebe entre 1 a 3 salários; 20,7% de 3 a 6 salários; 18,7% de 6 a 9; e 16,5% recebe entre 9 a 12 salários mínimos.

Foram coletados dados de alunos de 45 diferentes cursos de graduação, dentre eles 86% está atualmente cursando o primeiro curso. Sendo que 43,3% da amostra concluiu integralmente o ensino médio em escola privada e 52,2% são oriundos de escolas públicas e o restante estudou parcialmente em escola pública e parcialmente em escola privada.

Quanto à pós-graduação, do total da amostra, 63,5% se encontra com até 10 anos de formação; 11,4% tem entre 11 a 15 anos de conclusão; 8,8% de 16 a 20 anos; 6,1% de 21 a 25 anos e o restante representa 10,7% dos respondentes e possuem mais de 26 anos de formação.

Do total de respondentes, 30,4% está atualmente com o mestrado em andamento, 32,6% cursando o doutorado, 16,1% possuem mestrado em andamento, 13,9% já concluíram o mestrado, 6,6% possuem especialização concluída e 0,5% estão com a especialização em andamento.

Apesar do questionário ter sido enviado para todos os coordenadores de pós-graduação, participaram do questionário alunos de apenas 29 programas da UnB (de um total



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

de 93 cursos), sendo 24,% do PPGCONT; 11,4% PPGL; 7,1% PPGGIG e PPMEC; 6,8% PPGPsiCC; 5,6% PPGE; 5,1% PPGA; 3,9% PPGFIT; 3,9% PPGEFL; 3,4% PPGP; 3,2% PPGBIOANI; 2,9% PPGT; 2,7% PPGHIS; 2,2% PCMEC; 2,0% PPGEDUC; 1,9% PPGNANO; 1,5% PPGREL; 1,2% PPGCEN; 1,0% PPGINTEGR; 0,7% PPEE; 0,5% PPGECO; 0,2% PPGPSTO, PPGART, PPGCDC, PPGCDS, PPGCF, PPGCOM, PPGD e PPGFL.

Do grupo de graduação 46% dos respondentes são oriundos dos cursos de Administração, Economia e Ciências Contábeis, sendo que do total de 69 cursos, teve respondentes de 45 cursos. Ademais, Quando observada a amostra de pós-graduação 30% dos respondentes possuem graduação nos cursos citados anteriormente, assim sendo, há que se levar em consideração um possível viés nas respostas desse público, uma vez que esses alunos tem acesso a temas financeiros durante sua formação superior.

4.2 Análise acerca da vivência e acesso a questões financeiras

No que tange a tomada de decisão financeira, como demonstrado na literatura, muitas são as variáveis que impactam na tomada de decisão. A habilidade e capacidade de processar informações econômicas e tomar decisões informadas conscientes é construída desde a infância. Quando uma criança pede dinheiro para os pais ali já está sendo formada sua capacidade crítica (Pereira, 2003). Assim, as vivências em diferentes meios sociais, irão impactar na forma como esses cidadãos veem e lidam com o dinheiro. Dessa forma, nesta subseção será verificada a percepção dos respondentes da pesquisa quanto aos impactos que a vivência em diferentes áreas ao longo da vida traz para a tomada de decisão financeira.

Do ponto de vista do processo de formação da educação financeira no ambiente familiar, quando questionados sobre a importância de debater o tema em casa foi verificado que 69,6% dos alunos de graduação e 71,3% da pós-graduação consideram que a discussão em casa impactaria em sua forma de enxergar e lidar com suas finanças, o que vai de encontro com a percepção de Pereira (2013) sobre a importância do acesso à educação financeira desde a infância nas relações diárias com a família.

Ao comparar os índices de percepção da importância do debate no lar entre os alunos de graduação de pós-graduação, pode-se verificar, através do teste U de Mann-Whitney, que não houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 67120,000$; $p > 0,05$), onde os alunos de graduação ($MD = 7$; $AI = 1,00$) apresentam os mesmos índices de percepção neste ponto que os respondentes da pós-graduação.

Os entrevistados também foram questionados sobre sua percepção acerca da falta de informação financeira proveniente do ambiente familiar. Nesse ponto, as percepções dos grupos mostraram-se semelhantes, sendo que para 43,6% dos respondentes de graduação, ao menos parcialmente, há acesso ao tema em casa e para 56,4% do mesmo grupo o tema não é discutido no lar. Já segundo a percepção da pós-graduação, ao menos parcialmente, 52% dos respondentes concordam que há discussões em casa e para 48% falta acesso à informação no ambiente familiar. Ao comparar os índices de percepção dos dois grupos, pode-se notar que não houve diferença estatisticamente significativa entre as amostras ($U = 63010,000$; $p > 0,05$).

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Tabela 1: Finanças no ambiente familiar

Acerca de minhas vivências e estudos de temas financeiros, acredito que há falta de informação proveniente de meu ambiente familiar.								
Grau de concordância								
Grupo Respondente	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	9,0%	10,8%	10,5%	13,3%	21,1%	14,2%	21,1%	100,0%
Pós-graduação	13,1%	13,1%	11,2%	14,4%	12,9%	17,0%	18,2%	100,0%
Considero importante debater sobre finanças em casa.								
Grau de concordância								
Grupo Respondente	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	1,5%	0,6%	1,8%	4,2%	7,5%	14,8%	69,6%	100,0%
Pós-graduação	0,7%	0,7%	1,9%	4,4%	7,5%	13,4%	71,3%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

Sob o ponto de vista da educação formal o tema vem ganhando destaque nacional nos últimos anos. Quando questionados sobre a relevância do ensino do tema nas escolas 86,6% da amostra de graduação e 82,7% da amostra de pós-graduação consideram importante para sua formação quanto cidadãos críticos. Entretanto, é possível perceber um contraponto entre o que a maior parte dos entrevistados consideram ideal e a realidade: para 65,1% e 62,5% dos respondentes de graduação e pós-graduação, respectivamente, há total falta de acesso à educação financeira em se tratando do ensino fundamental e médio, o que corrobora com a crítica de Souza (2013) de que nas escolas brasileiras não são oferecidas condições para que a maior parte da população desenvolva capacidade analítica para tomada de decisões do ponto de vista financeiro.

Ao comparar os índices de percepção da consideração da importância do acesso ao tema na escola, pode-se verificar, que não houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 65124,500$; $p > 0,05$), onde os alunos de graduação ($MD = 7$; $AI = 0,00$) apresentam os mesmos índices de percepção neste ponto que os respondentes da pós-graduação.

Quanto à visão acerca da falta de educação financeira na escola, ao confrontar os índices de percepção das amostras observa-se mais uma vez que a tendência de percepção entre as amostras analisadas permanece semelhante, uma vez que não houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 65324,500$; $p > 0,05$), entre a graduação ($MD = 7$; $AI = 1,00$) e a pós-graduação ($MD = 7$; $AI = 1,00$).

Tabela 2: Educação financeira no ensino fundamental e médio

Acerca de minhas vivências e estudos de temas financeiros acredito que há falta de informação financeira proveniente de meu Ensino Fundamental e Médio.								
Grau de concordância								
Grupo da amostra	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	1,2%	1,2%	1,2%	3,3%	7,2%	20,8%	65,1%	100,0%
Pós-graduação	0,5%	3,2%	1,9%	5,4%	8,8%	17,8%	62,5%	100,0%
Considero importante o ensino da Educação Financeira durante a formação escolar.								
Grau de concordância								
Grupo da amostra	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	2,1%	8,1%	88,6%	100,0%
Pós-graduação	0,0%	0,2%	0,2%	1,7%	4,6%	10,5%	82,7%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Ainda se tratando da educação formal, foi perguntado aos entrevistados se para eles seria importante ter disciplinas sobre finanças em sua grade do ensino superior. Nesse sentido, 61,1% da amostra de graduação concorda que seria relevante para sua completa formação ter matérias financeiras em sua grade curricular. Para 25,9% dos respondentes há falta de informação financeira proveniente da universidade. Já quando verificamos a amostra de pós-graduação, 51,3% dos respondentes consideram importante ter disciplina sobre finanças na faculdade, apesar disso, para 41,8% o tema não é tratado na universidade.

Ao comparar os índices de percepção da consideração da importância de se ter disciplinas sobre finanças no ensino superior, pode-se verificar, que houve diferenças estatisticamente significativas na percepção dos entrevistados ($U = 59899,000$; $p < 0,05$), onde os alunos de graduação ($MD = 7$; $AI = 1,00$) apresentam menores índices de percepção neste ponto que os respondentes da pós-graduação ($MD = 7$; $AI = 2,00$), ou seja, os alunos de pós-graduação consideram mais importante ter matérias de finanças no ensino superior do que os alunos de graduação.

No que se refere a falta de disciplina no ensino superior, a percepção dos pós-graduandos é de maior falta do que daqueles que estão na graduação, visto que segundo o teste aplicado houve significantes diferenças estatisticamente ($U = 53586,000$; $p < 0,05$), assim, ao analisar as medianas pode-se perceber que os alunos de graduação ($MD = 5$; $AI = 4,00$) percebem menos a falta de educação financeira no ensino superior do que os da pós-graduação ($MD = 6$; $AI = 3,00$).

Tabela 3: Educação financeira no ensino superior

Acredito que uma disciplina sobre finanças pessoais na faculdade impactaria em minha tomada de decisões financeiras.								
Grau de concordância								
Grupo da amostra	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	1,2%	0,3%	1,8%	6,9%	12,7%	16,0%	61,1%	100,0%
Pós-graduação	3,9%	2,2%	1,7%	10,7%	13,1%	17,0%	51,3%	100,0%

Acerca de minhas vivências e estudos de temas financeiros acredito que há falta de informação financeira proveniente de meu Ensino Superior.								
Grau de concordância								
Grupo da amostra	1	2	3	4	5	6	7	Total
Graduação	9,6%	10,5%	9,6%	12,7%	16,9%	15,7%	25,0%	100,0%
Pós-graduação	6,6%	6,8%	6,3%	8,3%	12,7%	17,5%	41,8%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

Tendo em vista que as relações em ambientes informais também influenciam na formação do ser humano e construção de capacidade crítica para tomada de decisão, foi perguntado também a respeito do impacto das vivências acerca de temas financeiros em ambientes informais, como na esfera de trabalho, círculo de amigos, igreja. Quanto ao ambiente de trabalho, ao menos parcialmente, 76,8% da amostra de pós-graduação considera importante para sua formação e tomada de decisão debater sobre o tema no ambiente de trabalho, o percentual se mantém na pesquisa realizada com alunos de graduação (76,9%) uma vez que não houve diferenças estatisticamente significativas entre as amostras analisadas ($U = 65177,000$; $p > 0,05$).

Além disso, quando perguntados sobre outras esferas informais, ao menos parcialmente, 55% dos respondentes dos dois grupos de amostra concordam que há falta de vivências financeiras nesses ambientes. Ademais, 17,2% dos alunos de graduação e 14,8% dos pós-graduandos ficaram neutros diante da afirmação. Já dos demais, 14,8% e 13,4% dos

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

alunos de graduação e pós-graduação, respectivamente, discordam parcialmente da afirmativa “há falta de troca de informação financeira em minhas redes de contato, como grupos de amigos, viagens, igreja, etc.”, os índices de variação estatística entre os grupos se mantiveram os mesmos ($U = 65958,000$; $p > 0,05$), não havendo diferenças relevantes.

Tabela 4: Educação financeira em ambientes informais

Acerca de minhas vivências e estudos de temas financeiros acredito que há falta de troca de informação financeira em minhas redes de contato, como grupos de amigos, viagens, igreja, etc.

Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	5,7%	9,3%	13,0%	17,2%	19,6%	12,7%	22,6%	100,0%
Pós-graduação	6,3%	10,5%	13,4%	14,8%	20,7%	17,3%	17,0%	100,0%

Considero que temas discutidos no ambiente de trabalho impactam nas finanças pessoais.

Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	2,4%	3,9%	4,5%	12,3%	17,5%	18,4%	41,0%	100,0%
Pós-graduação	2,9%	4,1%	2,7%	13,4%	22,1%	18,7%	36,0%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

4.3 Padrão de comportamento financeiro

A questão comportamental é caracterizada por conter um viés subjetivo, o comportamento do homem frente ao dinheiro sofre influência de diferentes fatores. O ser humano é movido por status e imagem social, assim a ideia de ter traz sensação de bem estar e pode levar a decisões que comprometem o orçamento e planejamento financeiro pessoal. Nesse sentido, no decorrer do questionário buscou-se coletar os dados oferecendo itens com ideia principal similar, mas questionados de formas diferentes e apresentados em momentos distintos a fim de não enviesar as respostas e possibilitar compará-las com perguntas racionais, para assim detectar possíveis incoerências de fatores comportamentais.

Um fator bastante explorado na literatura é a tendência humana a recompensas imediatas, muitos indivíduos acabam comprometendo sua saúde financeira devido à falta de controle frente a facilidade de acesso a crédito, como compra com cartões e a armadilha do compre agora e pague depois. Assim, foi questionado aos respondentes sobre sua tendência de endividamento, o padrão comportamental dos alunos de graduação e pós-graduação se apresenta de forma diferente estatisticamente quando analisados os índices ($U = 60851,500$; $p < 0,05$). Sendo que os alunos de graduação apresentam menos dívidas de longo prazo, 65,1% possuem menos de 30% de sua renda comprometida nos próximos 12 meses ($MD = 1$; $AI = 1,00$), enquanto a porcentagem da pós-graduação é de 55,5% ($MD = 1$; $AI = 2,00$). Uma das razões para essa divergência é a característica de participação na renda familiar, por ser um grupo mais jovem, a maior parte da graduação (68%) tem seus gastos pagos por outras pessoas e não contribui com a renda familiar, enquanto 75% da pós-graduação é o responsável principal ou contribui com a renda familiar.

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

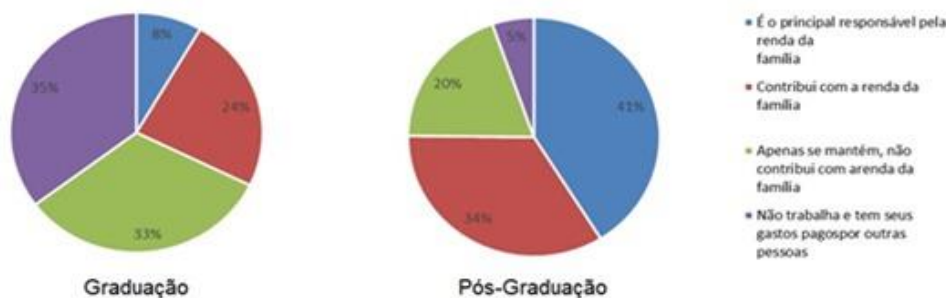


Figura 1 - Participação na Renda Familiar

Quando questionados a respeito do não cumprimento de compromissos financeiros, a tendência de endividamento seguiu padrões semelhantes ao item anterior, tendo divergências estatisticamente significativas entre o padrão de endividamento das amostras ($U = 14406,000$; $p < 0,05$), onde 64,2% da graduação ($MD = 1$; $AI = 2,00$) e 45% da pós-graduação ($MD = 6$; $AI = 6,00$) nunca deixaram de honrar compromissos financeiros. O mesmo padrão pode ter relação com a faixa etária e o comprometimento dos respondentes na renda familiar.

Tabela 5: Nível de endividamento

Eu considero que sou uma pessoa com alto nível de dívidas (30% ou mais de sua renda comprometida com dívidas para os próximos 12 meses).								
Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	65,1%	10,2%	5,7%	5,1%	3,6%	3,9%	6,3%	100,0%
Pós-graduação	55,5%	11,9%	6,3%	4,1%	7,1%	4,4%	10,7%	100,0%
Já deixei de honrar compromissos financeiros.								
Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	64,2%	10,2%	3,9%	4,8%	5,4%	3,6%	7,8%	100,0%
Pós-graduação	45,0%	9,2%	4,6%	3,9%	4,9%	5,8%	26,5%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

Apesar da literatura mostrar que consumidores são imediatistas quando expostos a situações nas quais tem que decidir se compram com condições de crédito ou não. Quando questionados sobre a influência da facilidade de acesso a crédito na tomada de decisão, 53,6% dos respondentes da graduação declararam, ao menos parcialmente, que a maior disposição de crédito não os induz a contrair dívidas nem dificulta sua tomada de decisão, já na pós-graduação o percentual foi de 61,5%. Ao comparar os índices de percepção dos dois grupos, pode-se verificar que houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 60401,500$; $p < 0,05$), onde os alunos de graduação ($MD = 3$; $AI = 4,00$) apresentam mediana maior que da pós-graduação ($MD = 2$; $AI = 4,00$), ou seja, os respondentes de graduação estão mais suscetíveis a contrair dívidas devido as facilidades de acesso ao crédito. Pode-se destacar aqui uma possível relação com a faixa etária e experiências de vida, uma vez que o público na pós-graduação tem idade mais avançada e já foi mais exposto as ofertas do mercado.

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Tabela 6: Comportamento frente propostas de crédito

Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	28,6%	14,2%	10,8%	11,1%	11,4%	8,7%	15,1%	100,0%
Pós-graduação	38,4%	13,6%	9,5%	9,7%	9,7%	7,1%	11,9%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

Além disso, em se tratando de endividamento negativo, o cartão de crédito é um dos itens mais citados pelos especialistas em finanças, devido ao fácil acesso e a sensação momentânea de compre agora e pague depois. Frente a esse item, é possível inferir que os respondentes possuem um padrão coerente com as demais respostas, visto que na amostra de graduação 58,7% não possui dívidas com cartão de crédito e 51,8% em relação a pós-graduação, o que corrobora com o padrão demonstrado pelos respondentes ao longo do questionário. Ao comparar os dois grupos, não houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 64621,000$; $p > 0,05$), ou seja, as amostras possuem padrão comportamental semelhante frente aos itens questionados.

Tabela 7: Dívidas com cartão de crédito

Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	58,7%	7,8%	4,2%	4,2%	7,5%	3,0%	14,5%	100,0%
Pós-graduação	51,8%	11,7%	3,9%	6,8%	7,5%	4,6%	13,6%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

Autores em diferentes estudos associam a atitude financeira dos indivíduos a falta de desenvolvimento da literacia financeira, ou seja, da verdadeira alfabetização. Uma vez que quando o tema não é desenvolvido ao longo da vida indivíduos acabam tomando decisões desfavoráveis mesmo sabendo do impacto que essa atitude poderá ter em seu orçamento. Ao serem questionados sobre seu padrão de planejamento financeiro é possível inferir que há certa incoerência entre o que os entrevistados consideram ideal e sua atitude frente a tomada de decisão financeira. Como mostra a tabela 8, 75,9% da graduação e 74,2% da amostra da pós-graduação consideram importante manter uma reserva de emergência, o padrão dos grupos se mantém estatisticamente sem diferenças significativas ($U = 66548,000$; $p > 0,05$).

Entretanto, apesar de considerarem relevante ter um planejamento financeiro pessoal, apenas 35,5% da graduação e 39,7% da pós-graduação o fazem com regularidade. Ao analisar os índices, pode-se destacar que houve diferenças estatisticamente significativas ($U = 61081,000$; $p > 0,05$), onde os alunos de graduação ($MD = 5$; $AI = 4,00$) apresentam menor mediana que os da pós-graduação ($MD = 6$; $AI = 3,00$), ou seja, os respondentes da pós-graduação se planejam financeiramente mais regularmente do que os da graduação. Essa atitude pode ter ligação com a falta de desenvolvimento da literacia financeira, uma vez que, para Lusardi e Mitchell (2008), está relacionado ao desenvolvimento da alfabetização financeira a habilidade e capacidade de processar informações econômicas e tomar decisões informadas sobre planejamento financeiro.

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Tabela 8: Planejamento financeiro

Quando penso acerca de meu planejamento financeiro considero importante manter uma reserva de emergência para imprevistos.								
Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	0,9%	0,6%	1,2%	2,4%	6,3%	12,7%	75,9%	100,0%
Pós-graduação	0,5%	1,0%	2,4%	3,9%	7,3%	10,7%	74,2%	100,0%

Costumo ter um planejamento mensal do meu orçamento.								
Grupo da amostra	Grau de Concordância							Total
	1	2	3	4	5	6	7	
Graduação	9,9%	6,9%	8,1%	12,0%	16,3%	11,1%	35,5%	100,0%
Pós-graduação	4,9%	3,6%	6,6%	13,6%	17,0%	14,6%	39,7%	100,0%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa com utilização do software SPSS.

As análises apresentadas acima nos permitiram observar a percepção dos estudantes de graduação e pós-graduação acerca da influência educação financeira em sua gestão financeira pessoal, entretanto é válido destacar que dado o grande volume de informações coletadas por meio do questionário foi necessário filtrar as informações mais relevantes.

Observa-se que nos quesitos do ponto de vista do processo de formação da educação financeira e falta de informação financeira proveniente do ambiente familiar, da relevância do ensino do tema nas escolas, do impacto das vivências acerca de temas financeiros em ambientes informais, tendência de endividamento negativo e importância de planejamento financeiro, não houve diferenças estatisticamente significantes entre as percepções dos estudantes de diferentes níveis de educação.

Entretanto, em se tratando da percepção da importância do acesso a disciplinas sobre finanças no ensino superior, tendência de endividamento, não cumprimento de compromissos financeiros, maior indução a contração de dívidas devido a alta disposição de crédito e planejamento financeiro regular, os dois grupos apresentaram diferenças estatisticamente significantes em suas respostas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo verificar a percepção de alunos de graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília acerca da educação financeira e seus impactos na tomada de decisão financeira pessoal. Para isso a amostra foi composta por 743 alunos de graduação (332) e pós-graduação (411) de diferentes áreas.

Há diferentes abordagens entre os autores sobre fatos que influenciam o comportamento financeiro e a tomada de decisão, sendo a educação financeira um dos aspectos mais discutidos atualmente. Assim, para atingir o objetivo geral foi aplicado questionário com três grupos de questões que visaram descrever o perfil dos respondentes, verificar a percepção acerca das vivências em temas financeiros em seu processo de formação e o padrão comportamental dos entrevistados frente a tomada de decisão financeira.

Respondendo ao problema de pesquisa “Qual a percepção de alunos de graduação e pós-graduação em relação a educação financeira e seu impacto na tomada de decisões financeiras?”, sobre o impacto das vivências do tema durante a vida, foi possível concluir que na percepção dos respondentes a discussão e ensino em diferentes esferas impactaria na forma como eles tomam suas decisões. Para os dois grupos verificados seria relevante ter educação financeira na escola, em casa, no ensino superior e também em seus círculos sociais. Apesar



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

disso, foi verificado que para os respondentes há falta de contato com tema tanto no ensino formal quando em ambientes informais.

Acerca da percepção dos estudantes referente a necessidade de disciplinas sobre finanças no ensino superior, bem com a falta de oferta, foi possível observar que os estudantes de pós-graduação percebem maior necessidade de discussão e acesso ao tema no nível superior.

Quando verificado o padrão financeiro comportamental, os resultados apontam que os respondentes de graduação apresentam menos dívidas de longo prazo que os da pós-graduação. Isso pode estar ligado a faixa etária e participação na renda familiar, uma vez que o público da graduação é mais jovem e não contribui, em sua maioria, com a renda principal da família, como é o caso de porcentagem significativa da pós-graduação. Foi analisado ainda que a amostra da pós-graduação deixou de honrar mais com compromissos financeiros do que a graduação, o que mais uma vez pode ter relação com a faixa etária e comprometimento na renda familiar.

Quando analisado sob o ponto e vista do comportamento frente a ofertas de crédito, foi verificado que a amostra de graduação está mais suscetível a contrair dívidas devido a facilidade de crédito do que a pós. Apesar disso, frente ao endividamento negativo, os dois grupos tiveram resultados semelhantes e coerentes com os respondidos durante o questionário.

Quando questionados sobre planejamento financeiro, houve certa incoerência nas respostas dos dois grupos, uma vez que consideraram relevante manter um planejamento de contas, mas parte significativa das amostras não o faz cotidianamente. O que pode ter ligação com a falta de desenvolvimento da literacia financeira. Além disso, foi verificado que os respondentes da pós-graduação se planejam financeiramente mais regularmente do que os da graduação.

Como limitações da pesquisa, podemos citar o fato de não haver uma linearidade na quantidade de respondentes por curso, tendo que parte significativa advém de cursos como Administração, Ciências Contábeis e Economia.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o grupo de respondentes para diferentes graus de instrução e diferentes faixas etárias, como pessoas que possuem apenas ensino fundamental e médio, visto que seria relevante a comparação da percepção de grupos com diferentes realizadas e vivências.

REFERÊNCIAS

- Babbie, E. (1999). *Métodos de pesquisas de Survey/Earl Babbie; tradução de Guilherme Cezarino*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, (519).
- Banks, J., O’Dea, C., & Zoe. O. (2010). Cognitive function, numeracy and retirement saving trajectories. *Economic Journal*, *120*, 381-410.
- Bay, C., Catasús, B., & Johed, G. (2014). Situating financial literacy. *Critical Perspectives on Accounting*, *25*, 36-45.
- Bellofatto, A., Dhondt, C. & De Winne, R. (2018). Subjective financial literacy and retail investors behavior. *Journal of Banking & Finance*, *92*, 168–181.
- Bernheim, D. B. (1996). Financial Illiteracy, Education, and Retirement Saving. *Wharton Pension Research Council Working Papers*, 604.
- Blanchard, O. & Fischer, S. (1989). *Lectures on Macroeconomics*. MIT press.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. (2018). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

- Cabral, G. (2015). **Consumismo**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/psicologia/consumismo.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- CNC. **Estudo da CNC demonstra o comportamento do endividamento e da inadimplência durante a pandemia**. Disponível em: <<http://cnc.org.br/editorias/economia/noticias/estudo-da-cnc-demonstra-o-comportamento-do-endividamento-e-da>>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- CNDL. **Inadimplência do consumidor desacelera e cresce 0,9% no primeiro semestre de 2019, aponta indicador CNDL/SPC Brasil**. Disponível em: <<https://site.cndl.org.br/inadimplencia-do-consumidor-desacelera-e-cresce-09-no-primeiro-semester-de-2019-aponta-indicador-cndlspc-brasil/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- Decreto n° 7.397 de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm
Acesso em: 15 mar. 2021.
- Decreto n° 10.393 de 09 de junho de 2020**. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10393.htm
Acesso em: 15 mar. 2021.
- Denegri, M. (1995). *El desarrollo de las ideas acerca del origen y circulación del dinero: Un estudio evolutivo con niños y adolescentes*. Madrid: Ediciones Universidad Autónoma de Madrid.
- ENEF. **Programas de educação financeira 2015**. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/Projeto_Piloto_Ensino_Fundamental_Relatorio_Final_2016.pdf> Acesso em: 15 mar. 2021.
- Heidhues, P., & Botond K. (2010). Exploiting Naïvete about Self-Control in the Credit Market. *American Economic Review*, 100 (5), 2279-2303.
- Hilgert, M., Hogarth, J., & Beverly. S. (2003). **Household Financial Management: The Connection Between Knowledge and Behavior**.
- Jacob, K., Sharyl, H., & Malcolm, B. (2020). *Tools for survival: An analysis of financial literacy programs for lower-income families*. Chicago: Woodstok Institute.
- Kahneman, D; & Tversky, A. (1979). Prospect Theory: An analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47 (2), 363-391.
- Kotler, P., & Keller, K. L. (2006). *Administração de Marketing*. São Paulo: Pearson, (12).
- Lima, M. P. (2017). *Literacia Financeira e Endividamento Pessoal: Um estudo com alunos de cursos da área de negócios*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis), Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, SP, Brasil.
- Lourenço, G. M. (2010). Os jovens e o endividamento familiar. *Vitrine da Conjuntura*, 3 (1), 1-2.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2008). Planning and financial literacy: how do women fare? *American Economic Review*, 98, 413-417.
- Meier, S., & Sprenger, C. (2007). Impatience and credit behavior: evidence from a field experiment. *Federal Reserve Bank of Boston*, Working Papers 07-30.
- Meier, S., & Sprenger, C. (2010). Present-based preferences and credit card borrowing. *American Economic Journal: Applied Economics*, 2, 193-210.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

- Mitchell, O. S., Schieber, S. J. (1998). *Living with defined contribution pensions*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 38-68.
- Moura, A. G. (2005) *Impacto dos Diferentes Níveis de Materialismo na Atitude ao Endividamento e no Nível de Dívida para Financiamento do Consumo nas Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo*. Dissertação Mestrado em Administração de Empresas - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.
- OCDE. (2005). **Recommendation on principles and good practices for financial education and a awareness**. Disponível em: <<https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2021.
- Ottaviani, C., Vandone, D. (2011). Impulsivity and Household Indebtedness: Evidence from Real Life. *Journal of Economic Psychology*, 32, 754–761.
- Panchio, M. C. (2006). *The Influence of Materialism on Consumption Indebtedness in the Context of Low Income Consumers From the City of Sao Paulo*. Tese de doutorado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.
- Pereira, G. M. G. (2003). *A energia do dinheiro. Como fazer dinheiro e desfrutar dele*. Rio de Janeiro: Campus, (2).
- Richard, D., & John, G. (2011). **Financial Literacy ad Indebtedness: New Evidence for UK Consumers**. Discussion Papers, University of Nottingham, Centre for Finance, Credit and Macroeconomics (CFCM)
- Santos, A. (2018). **IBM SPSS como Ferramenta de Pesquisa Quantitativa**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.
- Souza, M. A. P. D. (2013). *O uso do crédito pelo consumidor: percepções multifacetadas de um fenômeno intertemporal*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Teixeira, E. F. (2010). *Jovem Universitário e o Crédito*. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Trindade, L. L., Veira, K. M., Ceretta, P. S., & Cavalheiro, E. A. (2010) Como as mulheres abrem suas carteiras? Uma análise dos determinantes da propensão ao endividamento. *Anais do XXXIV EnANPAD*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Watson, J. J. (2003). The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. *Journal of Economic Psychology*, 24 (6), 723-739.